

Teologia da criação e criacionismo evolucionário

Creation theology and evolutionary creationism

**Lucimar Milagres*

Resumo

A crença em um Deus criador levanta questões profundas e importantes para muitos de nós, especialmente entre religiosos e cientistas. Apresentamos neste trabalho uma teologia da criação que dialoga com a ciência da criação, a biologia evolutiva. Fizemos uma abordagem concisa das origens através de Gênesis 1 a 11, seguindo com enfoques na repercussão teológica do trabalho de Darwin sobre a origem das espécies. Discorreremos sobre quatro tipos de criacionismos mais divulgados em nosso meio para, enfim, expor e defender o Criacionismo Evolucionário e sua visão teológica da evolução humana. Esta cosmovisão é uma modalidade do teísmo evolutivo que ressalta a convicção no Deus Triúno como O Criador e entende a evolução biológica como um processo natural, ordenado e sustentado por Deus. Finalizamos com perspectivas de alguns estudiosos sobre o significado existencial da vida humana, do universo e sua relação com a fé cristã. Nossa expectativa é que o esclarecimento de conceitos e a demonstração de dados científicos poderão trazer luz ao debate entre fé e ciência, favorecendo o diálogo e o trabalho colaborativo. Uma vez que o conhecimento é bem compreendido e divulgado, muitos pré-conceitos podem ser desconstruídos. A mente transformada gera novas atitudes, diálogos eficientes e esclarecimentos persuasivos.

Palavras chaves: Ciência; Fé; Teologia Evolucionária; Criacionismo Evolucionário, Evolução

*Doutora em Ciências na área Imunologia, pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: milagreslucimar@gmail.com

Revista de Cultura
Teológica

Texto enviado em
18.08.2022

Aprovado em
25.11.2022

Ano XXX - Nº 103
Set - Dez 2022



Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

Abstract

Belief in a creator God raises profound and important questions for many of us, especially among religious people and scientists. We present in this work a theology of creation that dialogues with the science of creation, the evolutionary biology. We made a concise approach to the origins through Genesis 1 to 11, following with a focus on the theological repercussion of Darwin's work on the origin of species. We discuss four types of creationism that are the most publicized in our environment to, finally, expose and defend Evolutionary Creationism, including its theological view of human evolution. This worldview is a modality of evolutionary theism that emphasizes the belief in the Triune God as the Creator and understands biological evolution as a natural process, ordered and sustained by God. We end with the perspectives of some scholars on the existential meaning of human life, the universe and its relationship with the Christian faith. Our expectation is that the clarification of concepts and the demonstration of scientific data can bring light to the debate between faith and science, favoring dialogue and a collaborative work. Once knowledge is well understood and disseminated, many preconceptions can be deconstructed. The transformed mind generates new attitudes, efficient dialogues and persuasive enlightenments.

Keywords: Science; Faith; Evolutionary Theology; Evolutionary Creationism, Evolution

Introdução

A história milenar da ciência e do cristianismo é caracterizada pela dicotomia entre fé e ciência. A origem do universo e da vida pode ser vista por uma de duas alternativas consideradas, a princípio, mutuamente excludentes; a criação de Deus ou a evolução biológica. Considerando que a ciência enfatiza a pesquisa de mecanismos sobre como os fenômenos acontecem e a fé busca as repostas para o porquê, o significado para a existência, é de se supor que as duas áreas possam interagir e se complementar (POLKINGHORNE; WELKER, 2019, p. 11-12).

A biologia evolucionária¹ é uma área da pesquisa científica que tem apresentado progressos incalculáveis, principalmente após a descrição do DNA. Estudar ou fazer ciência não implica em riscos a nossa fé. Ao contrário, contribuem para seu amadurecimento ao lançar luz às nossas visões bipartidas, muitas vezes carregadas de ideologias que nos aprisionam em nossa cosmovisão.

1. As palavras evolucionária, evolutiva e evolucionista serão utilizadas no texto como sinônimos.

O propósito deste estudo é a apresentação de uma teologia da criação que dialoga com a ciência da criação, a biologia evolutiva.

1. Teologia de Gênesis 1 A 11

Os relatos de Gênesis estão imersos na cultura literária do Antigo Oriente Próximo e devem ser interpretados naquele contexto. Gênesis 1 a 3 narram os eventos da criação de Deus e o afastamento do ser humano de Deus (queda). A partir do capítulo 4 vemos os primeiros dramas da criação que, voluntariamente, se tornou independente de Deus; o assassinato de Abel por seu irmão Caim, o dilúvio e a Torre de Babel. Gradualmente, Deus vai revelando a história da formação de seu povo com a intenção de dar sentido e direção ao Seu grande plano para a humanidade até os fins dos tempos. Para muitos estudiosos estas são narrativas doutrinárias e metafóricas, sendo os protagonistas Adão e Eva, Caim e Abel ou Noé e sua família vistos no sentido figurado, como estereótipos (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 13; KÜNG, 2007, p. 165-167). Outros admitem que estes personagens podem ser pessoas reais, chamadas por Deus como representantes da humanidade (ALEXANDER, 2017, p. 244). Certo é que estes relatos não representam literatura científica no sentido da definição moderna de ciência e devem ser pensados utilizando a ciência e a história daquele tempo.

1.1. Interpretação de Gn 1-2,4a

De datação incerta, pode-se considerar que o primeiro relato da criação (Gn 1-2,4a) onde Deus é designado como *Elohim* (fonte sacerdotal, P), foi escrito em torno de 500 a.C., depois do exílio babilônico. Diferente da expectativa gerada pela ordem do texto bíblico, o segundo relato da criação foi escrito antes, em aproximadamente 900 a.C., de fonte Javista (J) porque emprega a denominação YHWH (Yahweh ou Senhor) para Deus (KÜNG, 2007, p. 162-163).

Diferente do caldo cultural do Oriente Antigo, o Deus dos hebreus é único e todo poderoso, é o criador da vida e do universo, é um Deus pessoal, o qual se relaciona amorosamente com suas criaturas, em especial com o ser humano. Estas características contrastam com as religiões de então, que eram politeístas, cada deus tinha um potencial criativo distinto e faziam dos humanos seus escri-

vos (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 60-61).

Os primeiros versículos de Gênesis relatam o poder da palavra de Deus, que inicia a criação trazendo ordem a terra (ao mundo) a partir do vazio:

Gn 1,1-2, No princípio, criou (barah em hebraico) Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia (tohu vebohu); havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito (ruach) de Deus pairava por sobre as águas.²

A estrutura literária na língua original é ordenada cuidadosamente, e para o leitor hebreu a sequência do texto e dos atos criativos de Deus prenunciava nitidamente a intenção do autor: indicar ordem a partir da desordem (*tohu vebohu*) (ALEXANDER, 2017, p. 154-155). Nos dias 1 a 3 Deus trabalha na ordem geral da nova forma (*tohu*); separação de luz e trevas, separação das águas, surge o firmamento (céu) e a água se separa em acima e abaixo do céu e finalmente, separação da terra e dos mares (conjunto de águas) e origem da vegetação. Nos dias 4 a 6, Deus se dedica a preencher as formas criadas; surgem os luminares que regem o dia e a noite, a criação das aves e peixes para habitar o céu/terra e os mares, a criação dos animais e dos seres humanos para encher a terra e consumir as plantas. Enfim, Deus descansa após concluir que tudo havia ficado muito bom.

Importa-nos, a aplicação de dois princípios hermenêuticos básicos em nossa interpretação de Gn 1 (a 11); i) separar a mensagem espiritual da forma que ela é transmitida (incidente) e ii) a concepção que Deus acomoda sua comunicação, sua inteligência, à capacidade de entendimento do ser humano (LAMOUREUX, 2008, p. 108). A forma de descrever a criação em Gênesis se origina da perspectiva fenomenológica do mundo antigo, a melhor ciência daquele tempo. Na visão geológica, cosmológica daquela época o mundo era interpretado como tendo três níveis; céu, terra e embaixo da terra. Este é o mundo que o apóstolo Paulo conhecia (Fl 2,10 *para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra*).

Enquanto as plantas e os animais surgem “segundo a sua espécie ou tipos o ser humano é criado de forma singular, “segundo a nossa imagem, conforme a

2. Os versículos citados neste artigo foram extraídos da Bíblia Almeida Revista e Atualizada (ARA), versão *online*.

nossa semelhança” (Gn 1,26), que em hebraico significa uma estátua que imita o original e que por sua “semelhança” pode representá-lo. Portanto, indica a posição do ser humano como representante de Deus. No v. 28a, Deus fala com um ser criado, pela primeira vez; *E Deus os abençoou e lhes disse*. Ou seja, Deus inicia um relacionamento com a humanidade através de uma bênção e do trabalho (v. 28b). No ambiente da criação, sujeitar a terra e dominar as criaturas significa cuidar, com responsabilidade e amor. Sendo todo ser humano criado à imagem de Deus, cada indivíduo, independente de raça, gênero, condição socioeconômica-cultural deve ser tratado com respeito e amor e respeito, como Deus o trata. Da mesma forma, os animais e a natureza ao nosso redor. O ápice da criação acontece no sétimo dia, quando Deus conclui suas obras e faz uma pausa (*shabat*). Simbolicamente, este é um dia ainda mais especial, pois é o dia santificado por Deus, um período de tempo reservado para a divindade. No tempo de Moisés será instituído como o dia do Senhor (Ex 20,10). Temos neste dia a terceira bênção relatada na narrativa da criação, além dos dias 5 e 6. Nas duas primeiras Deus estende seu poder criador aos animais e a humanidade (v.22 e v. 28). Agora, Ele estabelece um período de tempo determinado, cíclico, para a renovação das forças vitais. Diferente dos deuses do mundo antigo ou dos deuses olímpicos, o Deus de Gênesis trabalhou e continua trabalhando (Jo 5,17), mas Ele e suas criaturas também descansam (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 55-56).

Enfim, Gênesis 1 é uma obra de arte linguística, com função didática para seus leitores ontem e hoje, a fim de esclarecer; a transcendência de Deus, a ordem e unidade da criação e a dignidade do ser humano (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 76; KÜNG, 2007, p. 162).

1.2. Interpretação de Gn 2,4b-3,24

A segunda história da criação remete, principalmente, ao rompimento da ordem no jardim, quando o ser humano opta pela liberdade, ao invés, da obediência aos limites instituídos por Deus. Consequentemente, esta versão irá se relacionar a nossa condição humana atual; vulnerável, e sujeita a dor e ao sofrimento.

Os autores bíblicos não davam ênfase a cronologia e cronometragem, mas sim a tópicos. A segunda narrativa da criação se apresenta em ordem inversa

àquela de Gn 1. O ser humano (Adam) é criado no início (v 7) e é colocado em um jardim, surgem os animais (vv. 19) e a mulher (v. 22). De especial, em Gn 2,4 aparece pela primeira vez o nome do Deus da aliança; *Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor (Yahweh) Deus (Elohim) os criou*. A Bíblia hebraica usa o termo *Adam*, com artigo definido, para se referir ao ser humano, fazendo uma analogia com *Adamah* (terra).³ Ou seja, o ser humano veio do pó da terra, esta é sua natureza e sua função é cuidar da terra (v 15), além dos animais (v 20).

No v. 9 encontramos a árvore da vida, (comum na mitologia do mundo antigo), e a árvore do conhecimento (única no judaísmo) do bem e do mal, cujo sentido linguístico implica em uma sensibilidade para o que é útil ou prejudicial ao ser humano. No v. 15, *Deus tomou (laqach) Adam* e o inseriu no Jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo, sendo o verbo *laqach* sugestivo de um favor especial de Deus⁴. A restrição de não comer do fruto da árvore do conhecimento vem em seguida (v. 17). Somente em Gn 3,22, entendemos que o ser humano não pode ter, simultaneamente, o conhecimento de todo o mal e todo o bem (sabedoria) e a imortalidade, pois seria igual a Deus. Este pensamento traz uma alternativa razoável à tradicional visão de punição dos humanos por sua liberdade de escolha (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 86-87).

Em Gn 2,18, Deus diz que criaria a mulher, a correspondente do homem ou sua ajudadora (*ezer*). Esta palavra é a mesma utilizada para Deus em vários Salmos e infere um ajudador de mais poder, sem qualquer conotação com o uso tão preconceituoso empregado para a mulher como uma ajudadora submissa ao homem (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 90).

A natureza da mulher (*issah*, v. 23b) é a mesma que a do homem (*ish* v. 23b), são ontologicamente semelhantes, ao contrário do homem e dos animais. Quando Deus leva a mulher até o homem (*ish*) este fala pela primeira vez, expressa júbilo e reconhece a sua natureza sexuada (v. 23b). O nome Adão (sem artigo), referindo a uma pessoa específica aparecerá em Gn 5,1, pela primeira

3. Só a partir do versículo 23b a palavra hebraica para homem (*ish*) aparece no texto, significando qualquer homem, pois é sempre acompanhada do artigo definido.

4. Como ocorrido com Abraão (Gn 24.7), Davi (Sl 78.70) ou o profeta Amós (Am 7.15).

vez, para indicar um indivíduo como o primeiro membro de uma geração (propriamente descrita em Gn 5,3) (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 95).

Gn 3 relata a transgressão da mulher e do homem em decorrência da tentação provocada pela astuta serpente. Alguns exegetas sugerem que a serpente falante represente uma voz no interior do ser humano que desconfia do outro e de Deus, especialmente diante de uma proibição. Este aspecto seria evidenciado pelo acréscimo que a mulher faz à ordem de Deus, ao dizer que não pode comer ou tocar no fruto da árvore do conhecimento. A entrada da serpente na trama judaico-cristã, novamente, contradiz os mitos correntes na época, ressaltando-se o símbolo de fertilidade da serpente entre os seguidores do deus Baal (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, p. 100, 107). Interessante, o judaísmo daquele tempo não era tão contundente em acusar o casal do paraíso de uma falha mortal, mas viam o mito como uma forma natural de representar o ser humano no seu processo de amadurecimento psíquico da juventude à vida adulta (KRAUSS; KÜCHLER, 2007, 2007, p. 112).

Resulta que, em decorrência da transgressão do homem e da mulher os mesmos são expulsos do jardim do Éden e são ordenados a trocar o cultivo do jardim irrigado, para o cultivo do solo, não muito fértil nem amigável. O homem está voltando para o lugar de sua origem, o pó da terra. O pecado entrou na humanidade, foi julgado por Deus e a morte foi a condenação de *Adam*. Ocorre que o Senhor Deus não abandona os seres criados a sua imagem e semelhança.

Concluindo, o propósito de Gênesis 1 a 3 é teológico, lança os fundamentos para a interpretação do restante da Bíblia; o Senhor é o único Deus do céu e da terra, pela sua Palavra criou o universo e a vida, os seres humanos foram feitos a sua imagem e semelhança, foram responsabilizados para cuidar da criação, em uma relação de obediência e harmonia com o Criador. Porém, a humanidade escolhe não obedecer. O pecado e a morte entram no mundo, mas há a esperança da redenção da humanidade e do mundo criado. A fé no Senhor Deus como Criador, é uma premissa fundamental e subjacente à fé no Deus Redentor que tantas vezes salvou Israel de suas agruras e guerras e que mais tarde se revelará em Jesus Cristo (Rm 15,4).

1.3 Gênesis 4-11

O tema terra surgiu em Gn 1 e 2 e apresenta aspectos de bênção (sustentação da vida e origem do homem) e maldição (após o pecado). Uma segunda maldição se apresenta em Gn 4 com o assassinato de Abel por Caim. A violência na terra cresce acentuadamente (Gn 6) até chegarmos ao dilúvio (caps. 7-8). Uma estrutura marcante destes capítulos é a descrição de gerações (termo *toledot* em hebraico). A forma simplificada de descrever as genealogias de Gênesis e, a duração da narrativa resultam em uma linha ininterrupta de Adão a Noé, constituindo dez gerações, e de Noé a Abraão perfazendo, igualmente, dez gerações. Noé, portanto, é a figura central no esquema genealógico e faz a ligação entre o velho mundo da criação e o mundo dos patriarcas subsequentes. De fato, Gn 1 - 11 fornece os fundamentos e as circunstâncias básicas para se entender as futuras alianças de Deus com seu povo.

Após o término do dilúvio, em Gn 9,1,7 Deus oferece uma nova chance de continuidade da criação através de Noé e seus filhos, que atuarão como os progenitores das nações (9,18-19; 10,1-32). Essa perspectiva universal em 10,1-11,9 é o prefácio geopolítico e histórico para o surgimento da semente de Terá, Abraão (11,10-26). Surgirá um novo povo, não mencionado na extensa Tabela das Nações (10,1-32), mas em continuidade com o mundo anterior em virtude da descendência de Sem. O desastre na Torre de Babel (11,1-9) explica aos leitores a origem das diversas nações e sugere a necessidade de um Abrão (pai exaltado) unificador, cujo nome posterior “Abraão” reflete sua categoria de “pai de muitas nações” (17,5-6, 16). O fio literário que une as promessas para a humanidade aos pais de Israel é a linha genealógica ininterrupta de Adão a Abraão (5,1-32; 11,10-26) (MATHEWS, 1996, p. 58). A aliança de Deus com Abraão vem com a promessa de bênção, descendência e terra, para o Pai Abraão e por meio dele à toda a humanidade (Gn12,1-3). Deus vai fundar uma nova nação, os hebreus.

Enfim, estes capítulos mostram a misericórdia do Soberano Deus, sempre oferecendo redenção ao ser humano. A partir de Israel se desenhará um curso inimaginável na história mundial, longe de qualquer expectativa do mundo antigo. Gn 4-11 acrescenta mais fundamentos à fé cristã: (1) Deus julga a humanidade

por seus pecados, e (2) Ele criou um povo escolhido por meio do qual irá abençoar todas as nações.

2. Desafios Teológicos após Darwin

A teoria da evolução, do biólogo britânico Charles Darwin (1809-1882), acerca da origem das espécies, surgiu com a publicação de seu livro “A Origem das Espécies” (1859). O propósito da teoria de Darwin foi explicar a diversidade biológica existente na terra, sendo inúmeras as comprovações científicas do processo evolutivo (McGRATH, 2016, p. 40, 150). Segundo esta teoria, todas as formas de vida, inclusive os humanos, surgiram de processos naturais de desenvolvimento de uma forma mais simples para outra mais complexa, ocorridos em bilhões de anos (evolução biológica). A “evolução” dos seres vivos ocorreu a partir de mutações genéticas aleatórias nos genes de um ancestral comum, o qual originou diferentes linhagens, estas outras, e assim por diante. Os descendentes destas linhagens são selecionados a partir da melhor adaptação ao ambiente e também pela capacidade reprodutiva e manutenção da espécie (ALEXANDER, 2017, p. 77). A seleção natural ocorrida ao longo de bilhões de anos, gera uma grande diversidade de espécies⁵. Entre estas, inclui-se o ser humano, espécie *Homo sapiens*, que pertence a ordem dos primatas, juntamente com os macacos, símios e lêmures. A teoria da evolução também se aplica aos mecanismos naturais que produzem galáxias, estrelas e planetas (evolução cosmológica) e a Terra (evolução geológica). Como teoria científica, a evolução não faz nenhuma referência se seus processos naturais são propositais (teleológicos) ou sem propósitos (diteleológicos) (LAMOUREUX, 2008, p. 284).

Os conceitos acima dispararam vários questionamentos e certamente, oposições da fé cristã tradicional. Traduzidas por muitos religiosos como ideias “perigosas” de Darwin podemos destacar três questões principais. A primeira seria a ancestralidade comum entre o homem e o *macaco*, desconstruindo a ideia clássica da ontogenia do ser humano retratada em Gênesis 1 e 2, além da visão do homem como *Imago Dei*. A segunda é o fator acaso na geração de novas espé-

5. Na biologia, espécie é definida como o menor conjunto de organismos que compartilham um ancestral e podem ser distinguidos de outros grupos de organismos.

cies, incluindo o homem, através das mutações genéticas, o que traz uma grande rejeição entre os religiosos fundamentalistas, pois, tal mecanismo questionaria a supremacia de Deus. Enfim, a seleção natural é vista por muitos como um desperdício e sofrimento enormes, contrários a concepção de bondade de Deus. Naturalmente, estas perturbações nos conceitos da fé foram bem exploradas pelos materialistas científicos, defensores do ateísmo, como Richard Dawkins e Daniel Dennet. Para estes, os resultados da pesquisa de Darwin dispensam a necessidade de um Deus transcendental, criador da vida e do universo (HAUGHT, 2002, p. 43).

Entre os teólogos, alguns criacionistas, claramente, opõem-se à teoria, e até mesmo às comprovações científicas. Para Henry Morris (1918 a 2006) e Phillip Johnson (1940 a 2019) qualquer teologia evolucionista pode ser considerada um compromisso com o ateísmo. Para os separatistas, entre eles o paleontólogo evolucionista Stephen Gould (1941-2002) ciência e teologia caminham em estradas diferentes e devem ser trabalhadas separadamente, dentro de suas respectivas áreas de estudo (HAUGHT, 2002, p. 46-47). Mas, há os que pensam que a evolução traz fenômenos e ideias importantes para novas reflexões teológicas sobre o significado da vida, do universo e de Deus. Entre estes estão estudiosos da teologia natural e da teologia evolucionária.

Antes de Darwin, a melhor explicação para os aspectos de ordem e adaptação dos organismos vivos no planeta era a hipótese do *designer* inteligente de William Paley (1743-1805) (McGRATH, 2016, p. 98-101)⁶. Neste caso, não se admitia nenhuma modificação estrutural ou funcional no universo e na vida desde que foram criados. O astrofísico John Polkinghorne, (1930-2021) defende que o surgimento da vida e a evolução biológica estão diretamente relacionados à origem do cosmos. Diferenças infinitesimais nas condições físicas do universo (grau de expansão do universo, a força da gravidade, etc) impossibilitariam a síntese de átomos de hidrogênio e supernovas. Sem estes elementos não teríamos água e o átomo de carbono, ambos essenciais à vida. Estes são apenas alguns exemplos de um sistema físico altamente complexo que indica um

6. Paley utilizou a analogia do relojoeiro em seu argumento teleológico de que *design* inteligente, como o relógio, necessita um *designer* inteligente, ou seja, uma divindade criadora.

grau extremamente alto “de ordem improvável” no início da era cósmica, o que para Polkinghorne enfatiza o trabalho de um criador supremamente inteligente (POLKINGHORNE, 2007, p. 1-4). Enfim, o conceito teológico de *Designer* inteligente subsiste às novas descobertas científicas, mas o entendimento de Sua forma de interagir com o mundo criado passará por diversas modificações.

2.1. Teologia Evolucionária

Esta linha de pensamento compreende o modelo de *design* inteligente como altamente complexo e funcional. Entende que a criação de um mundo completamente acabado, hermético a transformações, tornaria o mundo um objeto de Deus e não algo que represente Seu grande poder criativo. Em um mundo ainda em progresso e, portanto, imperfeito, pode se compreender o sofrimento como o custo do processo de transformação em direção a nova criação e ao novo mundo (HAUGHT, 2002, p. 55). Esta visão concilia a independência e autonomia da criação no processo evolucionário com a concepção do Deus que participa do processo, principalmente, do sofrimento do mundo e da vida humana. O Senhor age como Ordenador e Sustentador do cosmos. Na visão evolucionária cristã, Deus não intervém de forma a preencher lacunas onde a ciência não explica o fato (concordismo científico)⁷ e o intervencionismo cosmológico⁸. Estes teólogos leem o Livro da Natureza como reflexo da glória e esplendor de Deus (Sl 19. 1-6). As ciências evolutivas são bênçãos divinas e suas descobertas ao longo do tempo revelam um mundo que reflete a profundidade e o esplendor do *design* como nunca vistos anteriormente.

Para Teilhard de Chardin (1881-1955), um dos primeiros estudiosos a tentar aproximar a ciência evolutiva da fé, a antropogênese ainda não concluída, caminha em direção à Cristogênese (2Co 3,18b *somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito*). O final do processo evolutivo será a união sobrenatural de todas as coisas em Deus, o ponto Ômega (1Co 15,28) (*ibidem*, p. 105; KÜNG, 2007, p. 138-9).

7. Concordismo científico é um método de interpretação bíblica que procura encontrar uma correspondência entre ciência moderna e Escritura.

8. Ao contrário do providencialismo, o intervencionismo é representado por atos diretos e dramáticos, não rotineiros.

3. Principais visões do criacionismo e suas características

A Tabela 1 apresenta algumas características fundamentais de três visões distintas do criacionismo, em paralelo com as filosofias deísta e ateuista. Em seguida, iremos abordar alguns pressupostos de cada uma delas.

Tabela 1 – Resumo das principais visões sobre a origem da vida e do universo e seus postulados básicos (LAMOUREUX, 2008, p. 44).

	Criacionismo da Terra Jovem	Criacionismo da Terra Antiga	Criacionismo Evolucionário	Deísmo Evolucionário	Ateísmo Evolucionário
Teleologia	Sim	Sim	Sim	Sim	Não (ilusão)
Aponta para um Design Inteligente	Sim	Sim	Sim	Sim	Não (ilusão)
Idade de Universo (anos)	6000	10-15 bilhões	10-15 bilhões	10-15 bilhões	10-15 bilhões
Evolução da Vida	Microevolução, mas não macro	Microevolução, mas não macro	Aceita ambas	Aceita ambas	Aceita ambas
Ação de Deus na Origem do Universo e da Vida	Sim, direta, 6 dias	-Direta, intervencionismo -Indireta para o universo inanimado -Ordem e sustentação do mundo natural	Sim, indireta, Ordem e sustentação do mundo natural	Sim, indireta, Mas, Deus não sustenta o mundo	Não, acaso. Deus é uma ilusão
Ação de Deus na Vida Humana	Sim, Deus pessoal	Sim, Deus pessoal	Sim, Deus pessoal	Não, Deus impessoal, não participa no mundo	Não, Deus é uma ilusão
Natureza da Bíblia	Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo	Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo	Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo	Pensamentos humanos sobre Deus	Superstição humana

Interpretação de Gênesis 1 a 11	Estritamente literal, criação em 6 dias de 24 h. Dilúvio global	Em geral, literal. Dias da criação = eras geológicas. Dilúvio local	Teologia Divina, Ciência e poesia do mundo antigo	Mitos sobre as origens, irrelevante	Mitos sobre as origens, irrelevante
Origem da Humanidade	Adão e Eva, aceita a imagem de Deus e o pecado humano	Adão e Eva, aceita a imagem de Deus e o pecado humano	A humanidade evoluiu, aceita a imagem de Deus e o pecado humano	A humanidade evoluiu, rejeita a imagem de Deus e o pecado humano	A humanidade evoluiu, rejeita a imagem de Deus e o pecado humano
Teologia/Filosofia	Cristianismo conservador, aceita encarnação e ressurreição	Cristianismo conservador, aceita encarnação e ressurreição	Cristianismo conservador, aceita encarnação e ressurreição	Deísmo e Cristianismo liberal, rejeita encarnação e ressurreição	Ateísmo, rejeita encarnação e ressurreição
Ética	Bíblica	Bíblica	Bíblica	Humanismo	Humanismo
Exemplos	-Institute for Creation Research-Henry Morris & Duane Gish. -Answers in Genesis-Ken Ham. Wayne Grudem	Ministry <i>Reasons to Believe</i> -Hugh Ross (Teoria do <i>Design Inteligente</i> -Philip Johnson Wayne Grudem	Catolicismo Romano, alguns evangélicos Francis Collins (ex-diretor do Projeto Genoma Humano). W. Pannenberg	Charles Darwin, Michael Denton, Anthony Flew	Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett

3.1. O criacionismo da Terra Jovem

Esta visão representa o que a maioria das pessoas reconhecem como criacionismo. É também conhecido como criacionismo científico ou ciência da criação. Tornou-se popular nos EUA com a publicação do livro *The Genesis Flood*, 1961, por H. Morris. Uma pesquisa americana descreveu que cerca de 60% dos americanos adultos e 87% dos evangélicos acreditam que o mundo foi criado em 6 dias e também na historicidade de Noé e no dilúvio (*Apud* LAMOUREUX, 2008, p. 456). Este grupo não crê em qualquer tipo de evolução da vida ou do universo. Alega que os fósseis e camadas de rochas na crosta da terra são explicados pelo dilúvio de Noé, e todos estariam na camada basal

da terra, sem distinção (LAMOUREUX, 2008, p. 419). Rejeita os dados da estratificação geológica nas centenas de milhões de anos, mas calculam que o mundo tenha cerca de 6.000 anos adicionando as idades dos indivíduos nas genealogias bíblicas de Gênesis. Argumenta que o sofrimento, a decadência humana e a morte não existiam antes da queda de Adão e Eva, pessoas reais e pais da humanidade, responsáveis também pela queda cósmica (LAMOUREUX, 2008, p. 22-23). A ciência apenas confirma os fatos registrados na Bíblia⁹, é o concordismo científico ou histórico.

Uma análise superficial de algumas escrituras sugere que este grupo é apoiado por autores bíblicos como, p. ex., Moisés e Paulo. Da mesma forma, Martinho Lutero (1483-1546), interpretava Gênesis literalmente. Não podemos deixar de mencionar que Jesus também citou os eventos de Gn 1 a 11 em várias passagens dos evangelhos (Mt 19,4-6; 23,35; 24,37-39, etc.). Lembramos aqui os princípios hermenêuticos da mensagem/incidente e da acomodação, que podem ser aplicados as interpretações das Escrituras por estes homens, tão relevantes na história do cristianismo. A única visão de ciência destes tempos era a ciência do mundo antigo. Essencial é separar a mensagem espiritual da forma como foi transmitida.

Ocorre que, com o advento da ciência moderna, as evidências da evolução biológica, cósmica e geológica são esmagadoras. Representantes deste criacionismo clamam que os cientistas estariam sendo enganados por Satanás. Certamente, esta posição origina debates acirrados e divisões nas igrejas cristãs, além de afastar os evolucionistas não cristãos. Situação similar foi o episódio de Galileu Galilei (1564-1642) e sua descoberta científica de que a terra gira em torno do sol e não o contrário, como era aceito pela ciência daquele tempo e pela igreja cristã (LAMOUREUX, 2008, p. 24; EASTERBROOK, 1997, 890-893).

3.2. O criacionismo da Terra Antiga

Também conhecido como Criação Progressiva, esta concepção é menos literalista na interpretação bíblica. Crê na evolução cosmológica e geológica, mas não na biológica. Porém, cientificamente ou teologicamente, não há nada ineren-

9. Assumem que o Espírito Santo revelou fatos científicos ou históricos na Bíblia muitas gerações antes de sua descoberta.

temente diferente na evolução biológica que deva distingui-la das outras duas (LAMOUREUX, 2008, p. 27-28).

Aceita a “microevolução”¹⁰, mas rejeita a “macroevolução” de peixes em anfíbios, répteis em mamíferos ou primatas primitivos em humanos. Acredita que há correspondência entre os registros fósseis e a sequência bíblica da criação. As lacunas entre os grupos fósseis refletem a ação intervencionista e intermitente de Deus ao criar grupos distintos de organismos “de acordo com seus tipos ou espécies” (Gn 1,21,24) (LAMOUREUX, 2008, p. 419). Testifica o poder sobrenatural de Deus de antecipar as descobertas científicas (concordismo). O dilúvio foi histórico, mas um evento local limitado a uma região do Oriente Médio, porque a crosta terrestre não oferece evidências de um dilúvio global (LAMOUREUX, 2008, p. 26). A humanidade surgiu do casal Adão e Eva, mas a queda representa apenas a morte espiritual. Aceitam os registros fósseis demonstrando a morte de organismos vivos a bilhões de anos antes de surgir a humanidade, mas em um padrão orientado por Genesis e não pela ciência moderna.

O maior problema com esta teoria é que ela é um modelo de origem do Deus das lacunas; na ausência de explicação bíblica ou científica “aceitável”, assume-se que a ação intervencionista de Deus, é que preenche tal lacuna. Porém, com o avanço da ciência, várias destas lacunas são preenchidas e a suposta intervenção de Deus desaparece, suscitando sérias preocupações pastorais, pois muitos concluem que há menos razões para acreditar em Deus.

Na década de 90, um grupo de americanos mais conservadores preocupados com o ensino da evolução nas escolas desenvolveu a *Teoria (ou Movimento) do Design inteligente*.¹¹ Por definição, é “uma teoria científica (e não teológica) que defende que algumas complexidades do universo e dos seres vivos são mais bem explicadas por uma causa inteligente ao invés de processo indireto, não direcionado, como a seleção natural”.¹² Defende a ação intervencionista de um

10. Mudanças evolutivas dentro de uma determinada espécie ou população

11. Como vimos anteriormente, o pressuposto de *design* é antigo e comum as várias visões, mas esta teoria tem um novo formato.

12. Disponível em <http://www.discovery.org/id/faqs/#questionsAboutIntelligentDesign/> acesso no dia 01/06/2022.

ser inteligente para criar tais estruturas complexas, isto é, do Designer supremo, Deus (das lacunas).

Obviamente, a ciência mesmo com todos os avanços multidisciplinares não responde a totalidade das questões científicas. Mas, gradualmente, novos dados científicos são produzidos e eventualmente, esclarecem as questões de grande complexidade. Na visão do C.E., questões filosóficas e ideológicas se inserem nesta nova tentativa de trazer a teologia da Terra antiga com uma nova roupagem.

É importante salientar o cuidado necessário ao se reivindicar a intervenção de Deus em processos biológicos. Uma pesquisa publicada pela Sociedade Brasileira de Imunizações no final de 2019 relatou que os evangélicos formavam o grupo religioso com maior insegurança em relação as vacinas (19% versus 11%-12% no restante da população).¹³ Nos Estados Unidos, “cristãos evangélicos brancos” estão entre os que mais dizem que “definitivamente nunca” irão se vacinar contra COVID-19 (22%), atrás apenas dos moradores de áreas rurais (24%) e de membros do Partido Republicano (23%). Relatos não científicos e mirabolantes de um criacionista brasileiro, adepto da teoria do *Design* inteligente forneceu informações incorretas sobre vacinas anti-COVID-19 e desaconselhou o uso de algumas delas ao seu público-alvo.¹⁴ Estes dados evidenciam a necessidade e a importância de líderes eclesiais oferecerem uma atenção especial às interpretações das doutrinas de fé das igrejas que possam interferir nas estratégias de saúde e de prevenção de doenças.

3.3. Evolução deíctica

Esta modalidade afirma que Deus iniciou a criação do cosmos com o *big-Bang*, a 10-15 bilhões de anos atrás e depois se retirou, é totalmente ausente do mundo criado. Descarta os princípios bíblicos fundamentais, como *imago Dei* e pecado. Considera a revelação bíblica pelo Espírito Santo e a encarnação de Deus como superstições antigas. Também conhecido como “deus-dos-filósofos”,

13. *Apud* <https://www.revistaquestaociencia.com.br/artigo/2021/10/14/religiao-vacinas-e-o-fim-dos-tempos>, acesso em 05/06/2022.

14. Disponível em <https://www.abc.org.br/2021/01/26/nota-da-academia-de-ciencias-do-estado-de-sao-paulo/>, acesso em 05/06/2022

este deus nunca se revela pessoalmente através das Escrituras, orações ou milagres. Sua ética é, essencialmente, a mesma do humanismo, onde o indivíduo é o juiz dos padrões morais.

Reconhece que a cosmologia moderna oferece evidências de *design* inteligente. A ciência moderna revela como o criador fez o mundo, mas não oferece nenhuma evidência da atuação de Deus no universo. A natureza é um *continuum* fechado de processos mecânicos. Concorde que a humanidade evoluiu a partir de primatas primitivos. Portanto, essa visão abraça a revelação geral nas Obras de Deus e rejeita a revelação especial na Palavra de Deus (LAMOUREUX, 2008, p. 35-37).

3.4. Evolução disteleológica ou ateísmo

No outro polo do debate criacionista temos o ateísmo afirmando que a evolução biológica é um processo aleatório e indiferente, e Deus é uma ilusão. O desperdício de organismos vivos por meio de extinções em massa, o mecanismo indiferente da seleção natural e a competitividade viciosa pela sobrevivência dos mais aptos delineiam uma natureza que é consistente com um universo disteleológico. A verdade só é alcançada por meio de análise lógica e pela investigação científica, pois, matéria e energia são as únicas realidades do universo. A religião é apenas um fenômeno biológico e sociológico. O problema do mal e do bem não existe, é mais uma ilusão da mente humana. Somada à visão dos criacionistas da Terra jovem, os evolucionistas ateus fortalecem a dicotomia evolução *versus* criação na mente de um grande número de pessoas, e sustentam a luta ciência-religião (LAMOUREUX, 2008, p. 38-41).

4. Características distintivas do criacionismo evolucionário

O C.E. também é conhecido como Evolução Teísta e segundo o cientista, teólogo e Professor, Denis Lamoureux:

“O C. E. afirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo criaram o universo e a vida por meio de um processo evolutivo ordenado, sustentado e que aponta para um *design*. Essa posição abrange as crenças religiosas do cristianismo e as teorias científicas da evolução cosmológica, geológica e biológica. Sustenta que

Deus estabeleceu e mantém as leis da natureza, incluindo os mecanismos de uma evolução teleológica. Argumenta que a humanidade evoluiu de ancestrais pré-humanos e através desse processo a Imagem de Deus e o pecado humano foram misteriosos e gradualmente manifestados. Os criacionistas evolucionários experimentam a presença e o amor de Deus em suas vidas e têm um relacionamento pessoal com o Senhor que inclui sinais e maravilhas” (LAMOUREUX, 2008, p. 29-30).

Uma ilustração útil desta visão é a analogia entre o processo evolucionário e a embriologia. Ambos são teleológicos e ordenados por Deus. Na concepção, o DNA de um óvulo humano fertilizado possui todas as informações necessárias para que uma pessoa se desenvolva durante os nove meses de gravidez. Da mesma forma, o Criador “imprimiu” no *big-Bang* as informações e as condições para a origem do universo e da vida através do processo da evolução ao longo de 10 a 15 bilhões de anos. Entende-se que o desenvolvimento do embrião é um processo natural, contínuo e sustentado por Deus. Este não intervém em determinado momento, para acrescentar um braço ao corpo em desenvolvimento. Da mesma forma, Deus não intervém no processo evolutivo em determinadas ocasiões, mas sustenta os processos naturais, que acontecem continuamente no decorrer do tempo. Tanto o desenvolvimento embriológico humano no microcosmo do útero quanto a evolução no macrocosmo do mundo refletem o *design* inteligente; cada um constitui uma revelação natural de autoria do Criador (SI 139,13-14; SI 19,1-6; SI 104,1-28).

Porém não há respostas teológicas (nem científicas) para todas as inquietantes perguntas que nos rodeiam. Os criacionistas evolucionários entendem como um mistério, quando e como o ser humano adquiriu a imagem de Deus e a natureza pecaminosa durante o processo evolutivo. Deus se revela tanto através das Escrituras quanto da ciência e das leis naturais. A Bíblia revela Seu caráter e propósito para o mundo. Esta visão aceita o concordismo teológico, mas rejeita o concordismo científico e histórico de Gn 1 a 11. Não segrega cosmologia e geologia da biologia evolutiva. Não funde a mensagem espiritual de Gn 1 a 11 com o incidente da mensagem. Respeita a ciência do mundo antigo como a melhor ciência daquele tempo, entendendo suas limitações. Esta é a única visão criacionista cristã que alcança os cientistas de diversas áreas que trabalham ou

conhecem o tema evolução. Cerca de 40% dos biólogos e físicos americanos adotam esta visão (EASTERBROOK, 1997, p. 892). Vê-se na Tabela 1 que esta cosmovisão não tem nada a ver com o ateísmo e tem mais semelhanças teológicas que diferenças com as outras modalidades de criacionismo.

4.1. Evolução humana e a visão cristã

A suposição popular dentro e fora da igreja é que a evolução humana é sem propósitos e elimina a necessidade de um Deus criador. Outra percepção falsa que incomoda muito os cristãos é o pressuposto que o C.E. assume que originamos dos *macacos*. Porém, a origem humana se distancia cerca de 30 milhões de anos da origem dos macacos. O fato é que os humanos e os chimpanzés vieram do mesmo ancestral, em um espaço de tempo de 6 milhões de anos para o surgimento dos humanos após a origem dos chimpanzés. Em termos de DNA as duas espécies diferem apenas em 1% do genoma, mas não temos dificuldades em distinguir um chimpanzé do ser humano. Estes são os únicos a serem criados segundo a imagem de Deus, os únicos que pecam, e apresentam milhares de outras diferenças constitutivas em relação aos chimpanzés (EASTERBROOK, 1997, p. 435).

O registro fóssil pré-humano oferece algumas das evidências mais tangíveis da evolução humana. Existem registros de mais de 6000 fósseis representativos do período de 6 milhões de anos entre o ancestral comum e o homem. Semelhanças anatômicas (formato de cabeças, mandíbulas, dentes, etc.) aparecem entre ancestrais mortos e descendentes vivos. Embora os cientistas da área evolucionista debatam sobre a interpretação dos fósseis e suas relações uns com os outros, nenhum questiona o fato de que os humanos descendem de pré-humanos anteriores (EASTERBROOK, 1997, p. 439).

Os humanos anatomicamente modernos apareceram no sudeste da África cerca de 200.000 anos atrás. Eles se mudaram para as regiões do Mediterrâneo 100.000 anos depois. Há cerca de 50.000 anos, humanos com comportamentos similares aos homens modernos surgiram na África. Há achados arqueológicos indicativos do desenvolvimento da arte, tecnologia, e intrigantemente, evidências que estes hominídeos enterravam seus mortos, algumas vezes com arte-

fatos considerados necessários após a morte, indicando certa espiritualidade. A pesquisa atual demonstra que há muito pouca variação genética entre estes fósseis e os humanos atuais, confirmando nossa descendência desta população (EASTERBROOK, 1997, p. 442).

Estas evidências fósseis e genéticas apresentam uma série de questões desafiadoras para os criacionistas da Terra jovem e da Terra antiga. O que deve ser feito da progressão anatômica ao longo do tempo no registro fóssil pré-humano e humano? Se o Senhor criou os humanos pela via *de novo* (criação recente e completa, por inteiro) como declarado em Gn 1 e 2, porque Ele reciclaria dois cromossomos de macacos e os fundiria para formar nosso cromossomo 2? E seguem-se diversas outras questões, que só podem ser respondidas pela existência de um ancestral comum entre o homem e chimpanzé. Como diz Lamaroux, encontre apenas um dente humano ou fósseis humanos e de dinossauros em um sítio arqueológico com datação de 100 milhões de anos e a teoria cai por terra. Mas, tal evidência nunca foi encontrada. Centenas de dados científicos demonstram claramente que evoluímos através de um processo natural como outros animais. Todas essas dificuldades são facilmente compreendidas se o Pai, Filho e Espírito Santo criaram homens e mulheres através de um processo evolutivo ordenado e sustentado (LAMOUREUX, 2008, p. 442).

A criação evolutiva entende que a imagem de Deus e a pecaminosidade humana foram manifestadas gradual e misteriosamente através de muitas gerações de ancestrais durante a evolução. A origem das características espirituais que definem e distinguem a humanidade não é marcada por um único evento pontual na história. Suas manifestações durante a evolução humana é semelhante ao desenvolvimento embriológico. Entende-se que os personagens Adão e Eva são arquétipos utilizados pelos hebreus para introduzir a criação humana e sua tendência inerente a se afastar de Deus. Portanto, o C.E. discorda da doutrina da queda cósmica, pois, conforme os registros fósseis científicos a morte já existia há bilhões de anos antes do surgimento do *Homo sapiens*. Como mostra a Fig. 1, os registros de fósseis humanos são muito mais recentes que o de outros animais, fatos científicos que não se alinham com o criacionismo da Terra jovem ou da Terra antiga. Ou seja, a queda cósmica, representa a forma que as pessoas

do mundo antigo entendiam a origem da morte física, vinculada com o pecado (LAMOUREUX, 2008, p. 319).

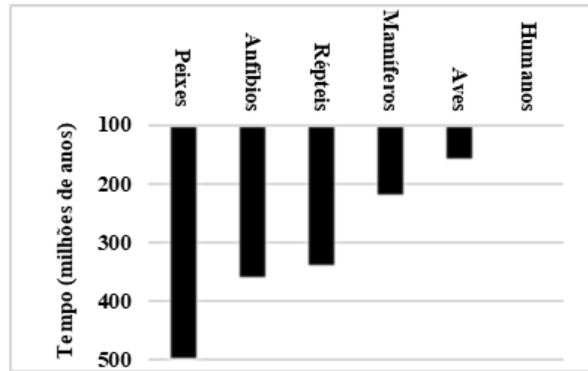


Fig. 1 - Registros fósseis de diferentes classes de animais e de humanos ao longo de milhões de anos. Os registros de fósseis humanos seriam há 0,05 milhões de anos, muito abaixo da escala. (LAMOUREUX, 2008, p. 26).

Esta cosmovisão nos leva a refletir sobre as mensagens de Paulo quando este menciona Adão em 1Co 15 e Rm 5. Conforme discutimos anteriormente, Paulo tinha a mesma visão astronômica e geológica do mundo antigo, como estruturado em três camadas (Fl 2,10). Em 1Co 15,21 (*Visto que a morte veio por um homem...* (Adão) e Rm 5,12 (*Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte...*)) evidenciamos que Paulo se alinhava com a visão antiga do surgimento da morte no mundo, através do pecado de Adão. Claramente, ele também tinha a biologia do mundo antigo em mente e, portanto, era convicto da criação *de novo* de Adão (Gn 2,17 e 3,19). Notadamente, em Rm 8,20-22, Paulo expressa a crença na doutrina da queda cósmica. Novamente, nos deparamos com o mesmo problema hermenêutico que leva a interpretações incorretas e graves; o princípio da mensagem e do incidente. No caso, a mensagem espiritual, inerrante, de Paulo é: somos pecadores, Deus nos julgará pelos nossos pecados, Jesus morreu por nós, ressuscitou e nos oferece a esperança de vida eterna. Não podemos fundir esta mensagem espiritual com a forma que ela foi transmitida por Paulo. O incidente usado por Paulo é a visão do mundo antigo, nos diferentes aspectos supracitados. Porém, esta visão, diferente do conteúdo espiritual da mensagem, não é inerrante, pelo contrário, a ciência prova que esta visão é muito limitada, embora, respeita-se que era a

melhor ciência da época. Apenas não podemos mesclar as duas informações; a mensagem espiritual e a forma de transmiti-la. (LAMOUREUX, 2008, p. 328). De forma similar, a mensagem de Jesus em Jo 7,38 (*Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva*) transmite a mensagem inerrante sobre a ação do Espírito Santo na vida do crente, através do incidente rios de água viva.

4.2. A propagação da espécie humana pela Terra

Na maior parte da história da Igreja, o dilúvio de Noé (Gn 6,8-7,24) foi lido como registro histórico. No entanto, as ciências modernas rejeitam esta crença tradicional e literal na historicidade de Noé. A geologia moderna diz que a estratificação na crosta terrestre fornece prova indiscutível de que nunca ocorreu um dilúvio global que destruiu todos os organismos vivos.

Uma das evidências bíblicas para a interpretação literal de Noé e do dilúvio vem do próprio Jesus, Mt 24,36-39: Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

Observemos que a intenção autoral e o contexto desta passagem não são sobre a historicidade de Noé e do dilúvio. Em vez disso, Jesus está ensinando sobre o fim dos tempos e Seu retorno. O Senhor, como um homem do seu tempo, usa categorias antigas nesta revelação. No v. 29, anterior e parte do contexto, Ele afirma que nos últimos dias “as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” e que os anjos “com grande clamor de trombeta, reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (v. 31). Estes versículos evidenciam que Jesus, assim como Paulo, tinha o conceito do mundo em três níveis, ou seja, a concepção da astronomia e geologia do mundo antigo. Portanto, o evento futuro relatado por Jesus não deve ser interpretado literalmente, mas espiritualmente. Da mesma forma, Jesus emprega a antiga noção histórica de um dilúvio mundial, que nunca ocorreu literalmente, para

entregar Sua mensagem de fé. Este é um exemplo de pré-figuração (tipo-antítipo), ou seja, o relato do dilúvio de Noé (Gn 6,8-7,24) aponta que o pecado será desenfreado no mundo antes da Segunda Vinda, e a humanidade estará alheia ao julgamento divino por vir. Noé é um arquétipo da graça salvadora de Deus para aqueles que são justos e obedientes. Simbolicamente, representa o julgamento do qual os cristãos serão salvos. As referências a Noé e ao dilúvio, por Jesus e mais tarde, por Pedro (1 Pd 3,18–22), não tornam Gênesis 6 a 9 históricos.

A existência de Noé e a realidade de um dilúvio mundial eram fatos da história antiga e foram assimilados pelos judeus e os primeiros cristãos. O dilúvio é um paradigma histórico que aparece em todo o mundo antigo, como uma explicação para fenômenos naturais e sua conexão com a ira de Deus ou de deuses. De fato, achados arqueológicos em camadas sedimentares próximas aos rios Tigre e Eufrates indicam que a ocupação humana foi interrompida em diferentes momentos por inundações locais, em tornos dos rios. Esses depósitos datam de 3500–2600 a.C., sendo que documentos históricos sobre dilúvios na Mesopotâmia são muitos séculos anteriores (2000-1600 a.C.) ao primeiro registro histórico dos hebreus (~ 1200 a.C.). É de se supor que, um ou mais sobreviventes reais, destas inundações locais, produziram vários relatos fabulosos de enchentes. Os Israelitas herdaram estas histórias e provavelmente a aplicaram a Noé (LAMOUREUX, 2008, p. 233, 280).

Segundo a Antropologia, no registro fóssil de 200.000 anos de humanos anatomicamente modernos, não há evidências da destruição do mundo inteiro por um dilúvio. Não existe nenhuma prova de que as pessoas que vivem hoje surgiram do Oriente Médio em 2400 a.C. Os dados antropológicos mostram ocupação humana contínua em todos os continentes por mais de 50.000 anos, com exceção da Antártida e das Américas. Claramente, a ideia de que Noé repovoou o mundo através de seus três filhos após um dilúvio global é imprecisa (LAMOUREUX, 2008, p. 441).

Portanto, o dilúvio bíblico é um vaso incidental que revela a mensagem inspirada de que Deus julga o pecado humano e salva os justos de Sua ira. O C.E. entende que este relato é tipológico e prenuncia a encarnação de Deus e a

bênção do mundo pelo Senhor por meio da Igreja. Esta compreensão da história no processo de revelação estabelece um precedente significativo para os cristãos reformularem a história da criação do homem e a origem do pecado utilizando o padrão científico (LAMOUREUX, 2008, p. 223, 272).

5. Sobre o significado existencial da vida humana

A despeito dos inúmeros progressos das diversas áreas da ciência ainda não conhecemos todos os mecanismos precisos de como a vida surgiu através da auto-organização de moléculas. Nestas reflexões, nos deparamos com duas posições existenciais intrigantes: não há sentido último na evolução e o homem está totalmente só no universo, sem esperanças de significados maiores para sua vida; ou o contrário, o homem diz sim a um fundamento último e a um objetivo final que lhe traz esperança e confiança no futuro.

O C.E. afirma que a ação divina e o *design* inteligente convergem para o Princípio Antrópico; a ideia de que os processos evolutivos parecem ter sido moldados de tal forma que, inevitavelmente, levaram à origem da vida e da humanidade na Terra (LAMOUREUX, 2008, p. 81; POLKINGHORNE, 2007, p. 1-4). Há vários dados científicos que corroboram esta hipótese; da física do *big-bang*, à astronomia, à geologia planetária e na biologia. O Princípio Antrópico indica que o universo primitivo já estava gestando a possibilidade de vida orgânica bilhões de anos antes de seu surgimento real, na medida em que as forças da natureza foram “afinadas” para permitirem a possibilidade da longa e delicada sequência de eventos e circunstâncias, tanto terrestres quanto astrofísicas, que levaram à vida na Terra (POLKINGHORNE; WELKER, p. 2019, 19-20). Embora, tais evidências não são provas científicas da existência de Deus, estas são inquietantes para qualquer mente humana. A especificidade antrópica do nosso mundo traz mais uma forte contribuição em favor do teísmo.-

Os críticos à teoria do Princípio Antrópico propõem a “hipótese dos múltiplos mundos” (multiverso), segundo a qual o universo atual é apenas um em um número infinito de mundos. Para esta hipótese, não há ainda nenhuma evidência científica (POLKINGHORNE, 2007, p. 4). Teologicamente, o Princípio Antrópico não pressupõe que o ser humano seja o centro do universo. O signi-

ficado e o propósito deste devem ser encontrados no próprio Deus, assim como, o significado e o propósito de todas as coisas (MOLTMANN, 1985, p. 186-187; POLKINGHORNE, 2007, p. 3). O homem é o representante de Deus, na sua total criação, e como tal, carrega grande responsabilidade.

Teologicamente, um mundo em evolução pode ser entendido como uma permissão de Deus, à criação, de evoluir livremente. O Deus Cristão nos oferece o potencial da redenção, ao permitir nossa contínua evolução espiritual no sentido de nos transformarmos em uma nova criação (Ap 21,5b “*Estou fazendo novas todas as coisas!*”), reconciliada com Deus (2Co 3,18b, *...somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito*). Não somente nós, mas toda a criação (Cl 1,15-20). A orientação escatológica das doutrinas bíblicas e messiânicas para uma consumação futura concorda com a ideia de um cosmos ainda incompleto, em evolução.

Para Moltmann, a *creatio continua* está entre a *creatio originalis* e a *nova creatio*, sendo que o Criador age, incessantemente, na sustentação e inovação das coisas criadas. Portanto, a criação é um sistema aberto, alinhado com a atividade criadora de Deus na história (MOLTMANN, 1985, p. 210). O poder criador de Deus também se manifesta na forma de sofrimento. Ele depositou os pecados, as dores e as doenças de suas criaturas sobre seu Servo: “Pelos suas feridas fomos curados” (Is 53,5). A criação (*barah*) da salvação e da justiça divinas procedem do sofrimento provocado pela contradição e injustiça existentes no mundo. Por sua inesgotável capacidade e prontidão para o sofrimento, Deus, paciente e paciente, guia a criação para seu objetivo e impulsiona a evolução, criando novas oportunidades de abertura e transformações. A presença do Deus transcendente no mundo é o espaço livre para a liberdade dos seres criados, pois Ele sempre oferece novas possibilidades ao ser humano e a vida (Is 43,19) (MOLTMANN, 1985, p. 211). Até o ponto de esvaziar-se e vir a este mundo na forma encarnada (Jo 1,1-5; Fl 2,6-7), trazendo a mensagem da contínua transformação humana, da nova criação e do Reino de Deus, ou seja, da redenção da vida e do universo. Este amor infinito e profundo parece concordar com o Princípio Antrópico e oferece a humanidade, o privilégio de estar unida com Ele em amor e em propósito. Esta é a graça, o amor que liberta e não impõe, que sustenta e não desampara, se

alegra com a verdade (1Co 13.6b), que espera e alcança, “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13,7; Rm 8,17-23).

Por fim, propomos aqui o diálogo entre as diferentes visões criacionistas à luz da Palavra de Deus, da ciência e da teologia. A comunicação sincera e respeitosa torna todos mais fortes e mais sábios, além de contribuir de forma incalculável para a união dos crentes e da igreja. Permeando o diálogo, tenhamos em mente a oração de Jesus em Jo 17,21, *a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste* (grifo do autor).

Conclusão

O propósito deste estudo foi a apresentação de uma teologia da criação que dialoga com a ciência da criação. Constatamos que, teologicamente, há mais semelhanças que diferenças entre as distintas modalidades de criacionismos. A principal diferenciação dos modelos estudados é a aceitação ou não dos dados científicos sobre a evolução. Expomos os pressupostos do Criacionismo Evolucionário (C.E.), incluindo diversos argumentos científicos sobre a evolução humana. Finalmente, introduzimos o conceito de Princípio Antrópico e alguns de seus desdobramentos para a Teologia Evolucionária. Em suma, o C.E. abrange a unidade e a poderosa consiliência observadas nas ciências modernas que investigam a história do universo e da vida. Com esta visão, ciência e fé se complementam e em conjunto se fortalecem: i) o cristianismo pode interpretar a evolução como criação ii) o conhecimento científico pode ver na criação a materialidade do processo evolutivo; iii) a evolução pode ser vista como um processo contínuo, que do ponto de vista da fé adquire um sentido último; iv) ciência e fé podem dialogar e contribuir para a compreensão da vida e do universo; v) como igreja, podemos ser transformados pela tolerância e o diálogo honesto, a fim de cumprir nossa missão como discípulos de Jesus, o Cristo (LAMOUREUX, 2008, p. 93; KÜNG, 2007, p. 206).

Referências

- ALEXANDER, Denis R. Criação ou Evolução. Precisamos escolher? 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2017.
- DISCOVERY INSTITUTE. Intelligent Design. Disponível em <http://www.discovery.org/id/faqs/#questionsAboutIntelligentDesign/>. Acesso em: 01 de junho de 2022.
- HAUGHT, John F. Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- KRAUSS Heinrich; KÜCHLER Max. As origens: Um estudo de Gênesis 1-11. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- KÜNG, Hans. O Princípio de Todas as Coisas. Ciências Naturais e Religião. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LAMOUREUX, Denis O. Evolutionary Creation. A Christian Approach to Evolution. 1. ed. Kindle. Wipf & Stock, 2008.
- MATHEWS, Kenneth A. The new American commentary. Genesis 1- 11. Vol. 1A. 1. ed. Kindle. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1996.
- McGRATH, Alister. Deus e Darwin. Teologia natural e pensamento evolutivo. 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2016.
- MOLTMANN, Jürgen. God in creation: an ecological doctrine of creation: the Gifford lectures 1984-1985. 1. ed. London: SCM Press Ltd, 1985.
- NOTA DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, OS ACADÊMICOS | 26 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.abc.org.br/2021/01/26/nota-da-academia-de-ciencias-do-estado-de-sao-paulo/>. Acesso em: 05 de junho de 2022.
- POLKINGHORNE John. O Princípio Antrópico e o Debate entre Ciência e Religião. The Faraday Institute for Science and Religion. Tradução de Guilherme V.R. de Carvalho. Setembro de 2007. https://www.faraday.cam.ac.uk/wp-content/uploads/resources/Faraday%20Papers/Faraday%20Paper%204%20Polkinghorne_PORT.pdf . Acesso em 29 de maio de 2022.
- POLKINGHORNE John; BEALE Nicholas. Questions of truth: fifty-one responses to questions about God, science, and belief. 1ed. Kindle. Louisville: Westminster John Knox Press, 2009.
- POLKINGHORNE, John; WELKER, Michael. Faith in the Living God: a dialogue. 2. ed. Kindle, Eugene: Cascade Books, an Imprint of Wipf and Stock Publishers, 2019.